

**O Poder das Imagens nos Governos de Vargas.**

Aline Ramos Brandão\*

**Resumo:** O Correio da Manhã, matutino carioca fundado em 1901, é objeto valioso a ser estudado devido o seu posicionamento ao longo da História, sendo grande influenciador no cenário político brasileiro. O seu relacionamento com os governos Vargas foi marcado por críticas acirradas, o que o torna revelador ao se falar de oposição da imprensa no Estado Novo. Para além dos seus artigos, proponho neste trabalho uma leitura das suas imagens, remontando através delas o ideário do jornal. Destaco que as fotografias foram produzidas e selecionadas, são recortes e produtos da encomenda de um agente contratador, fazendo parte de um projeto fotográfico. Conjugando o contexto da época, ideário do jornal, produção e seleção das fotografias será possível chegar à relevância do documento no olhar crítico do jornal contra os governos de Getúlio Vargas.

**Palavras-chaves:** Getúlio Vargas – Correio da Manhã – Fotografia

**Abstract:** The “Correio da Manhã”, a morning journal founded in 1901, is a valuable object to be studied due to its position along History, being a great influence in Brazilian political situation. Its relationship with Vargas governments was settled by a hard criticism, which becomes a revelation when it's spoken of the press opposition in Estado Novo (New State). Beyond its articles, in this paper I propose a reading of its images, remodelling through them an ideal of the journal. I emphasize that the photographs were produced and selected, they are clippings and products from a contractor agent purchase order, taking part of a photographic project. Joining the period situation, the ideal of the journal, production and selection of photographs, it will be possible to reach the importance of the document in the critical vision from the journal against Vargas governments.

**Keywords:** Getúlio Vargas – Correio da Manhã – Photographic.

Este trabalho tem por objetivo dar continuidade a pesquisa sobre a atuação do Correio da Manhã no decorrer dos governos de Getúlio Vargas. Primeiramente, destaco a auto-definição do jornal logo em seu primeiro número, em 1901, onde declarava ser um jornal de opinião e agir em defesa do povo, assim, em seus exemplares notamos claras críticas ao governo de Vargas, principalmente no período do Estado Novo, mas se pergunta: “E a censura, e o DIP?” O jornal desenvolveu o estilo-censura e conseguiu trabalhar com as imposições do DIP, utilizando as imagens como lhe convinha e fazendo suas críticas nas entrelinhas e, às vezes, explicitamente.

---

\*UERJ – mestranda; AGCRJ

Quando a censura é abrandada, a partir de 1944, o posicionamento do jornal é bem claro. Agora, na “Democracia”, como seria o discurso do Correio da Manhã quanto ao governo do ex-ditador? Ainda via imagens observo a atuação do Correio no período democrático, sabendo que a utilização de fotografias do chefe do Estado é bem menor neste período.

A democracia teve várias definições e interpretações no decorrer da História. Entre os historiadores há divergência quanto à questão, podendo se falar de democracia antes da República ou somente após 1945. Jairo Nicolau fala em redemocratização ao analisar as eleições de 1945, mas ele não está se remetendo à Primeira República, mas sim aos anos 30. Mas qual seria a democracia instalada neste período? Uma democracia que veio de um “golpe”, que durou até o próximo “golpe”, da Revolução de 30 até o Estado Novo. Uma democracia que teve um governo que rejeitou a Constituição anterior (1891) e levou quatro anos para elaborar a próxima (1934) e que três anos mais tarde seria derrubada. Foi um período onde ocorreram duas eleições que elegeram representantes do Legislativo, mas quando chegou a hora do Executivo foi novamente impedido o processo democrático no Brasil. Depois, considerando o baixo comparecimento dos eleitores nas eleições de 1933 e 1934, Jairo Nicolau vai considerar que a de 1945 foi um marco, “pois colocou o país no rol das democracias de massa” (NICOLAU, 2002, P. 46).

Ângela de Castro e Gomes trabalha com o novo conceito de democracia surgido durante o Estado Novo, uma democracia vinculada ao trabalhismo de Vargas – a democracia social, o que não era uma novidade brasileira, mas uma ocorrência mundial, onde a democracia liberal sustentou um estado que “pecava por omissão, espectador que era dos conflitos sociais e das carências materiais e espirituais da população de um país”. Vargas não acreditava na democracia liberal e tentou promover a justiça social por uma quarta via de acesso à democracia (GOMES, 1992, p. 216-222).

Segundo Robert Levine, para Vargas “a democracia era um luxo com o qual, a seu ver, o Brasil não podia arcar. Para Vargas, o direito à cidadania não era inalienável, mas algo a ser concedido em troca de lealdade e docilidade” (LEVINE, 2001, p. 163).

Se o Estado Novo anulou a democracia política, com ele vimos surgir a democracia social via leis trabalhistas. Essa discussão não é simples, pelo contrário, de tão complexa tem-se falado em democracia política, democracia social e democracia econômica, ou ainda, democracia de massas, democracia direta e democracia de base. Os direitos também foram subdivididos em civis, políticos e sociais, por isso somos cidadãos pela metade, o voto

universalizado não nos coloca como uma nação democrática. Assim desabafa José Murilo de Carvalho:

*Permanece a sensação de que as instituições democráticas, como o Congresso, os partidos, a Presidência, os sindicatos, ainda não funcionam de maneira satisfatória; de que a democracia continua um sonho irrealizado, planta frágil; de que os problemas básicos da população continuam sem solução. (CARVALHO, 1999, p. 278)*

O Brasil ainda estava no processo de reaprendizagem de se governar democraticamente quando se vê de cara com a personificação da Ditadura de outrora de volta ao poder. Para a imprensa e a oposição foi um choque, uma perda nas urnas que não sairia barato, a vigilância e o combate às medidas seriam rigorosos.

Como partido oposicionista a UDN não aceita a vitória de Vargas e luta pela sua anulação. Ter como presidente o “antigo ditador” significa retrocesso e então se arma para lutar contra Vargas. A imprensa também lutou pela liberdade e democracia, tendo sido uma das áreas mais vigiadas durante o Estado Novo sob o comando do DIP. Não só a imprensa, mas a cultura em geral sofreu com as interrupções da Democracia, mas destaco a imprensa escrita periódica com o Correio da Manhã.

### **O caminho da volta**

O processo de redemocratização do Brasil teve a presença de Getúlio Vargas, pois as eleições foram planejadas ainda no seu governo, declarações de Vargas manifestam que assim ele ainda estaria presente no poder. Dutra, candidato pelo PSD, partido criado e articulado sob a vigilância de Getúlio Vargas, teve o apoio do presidente e foi eleito. O PTB, partido criado por Vargas em 15 de maio de 1945, também apoiou Dutra.

A imprensa estava atenta aos fatos e a pressão foi tanta que ficou impossível a candidatura do próprio Vargas, o que foi a sua primeira pretensão. Mas fora do páreo teria que encaminhar as eleições de modo que não o deixasse totalmente de fora. A UDN teve como candidato à presidência Eduardo Gomes, que em sua primeira entrevista coletiva, em 16 de abril de 1945, afirma que Vargas não tem condições legais para presidir as eleições, logo, deveria ser deposto. A resposta de Vargas foi imediata e no seu estilo no estádio do Vasco da Gama, comemorando o Dia do Trabalhador, fala: “Mantereí a ordem, realizarei as eleições e passarei o poder a quem for legitimamente eleito pelo povo”.

Em 18 de dezembro de 1946 foi promulgada a nova Constituição. Após cinco anos de “governo democrático” uma declaração de quem veio a se tornar o maior inimigo de Vargas assusta, mostrando que o repúdio a ele é maior do que o desejo de prevalecer a

Democracia, assim escreve Carlos Lacerda na Tribuna da Imprensa, em 1º de junho de 1950: “O senhor Getúlio Vargas, senador, não deve ser candidato à presidência. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado, devemos recorrer à revolução para impedi-lo de governar”.

É este clima que Vargas encontra no seu primeiro dia e nos posteriores. Sua base partidária era praticamente nula, foram reavivadas antigas alianças, mas partido político não, afinal, em sua trajetória política ele ignorou os partidos, sempre buscou sustento nas bases populares. Nas palavras de sua própria filha, Alzira Vargas do Amaral Peixoto: “Em minha opinião, ele governou com partido algum. Getúlio tinha um cunho muito pessoal de governo e usava homens de um partido ou de outro, mas não um partido. Ele considerava o Brasil como um todo e não em termos de partido” (D’ARAÚJO, 1982, p. 21).

### **O Correio da Manhã e a vitória de Vargas**

Com a vitória de Vargas nas urnas restava aos jornais a oposição e as críticas, e estas aparecem antes mesmo do presidente tomar posse. No artigo União Nacional ou Capitulação, o Correio anuncia as pretensões de Vargas, ou seja, queria o apoio de todos os partidos para subir ao poder com os núcleos de resistência e oposição desarmados: “Para um homem que foi eleito praticamente sem partido, que não conta normalmente com a maioria dos correligionários no Congresso, a adesão da UDN e de outras agremiações seria um presente”. (CORREIO DA MANHÃ, 12 de janeiro de 1951, p. 4)

Várias crises e denúncias perduraram no seu mandato, o que aos poucos desgastou o governo e a sua imagem. As ofensas pessoais e políticas são constantes, já as fotografias são raras, as poucas têm interpretação negativa. Veja como trabalham com uma declaração de Vargas, em que disse: “Temos que trabalhar depressa. Estou velho e o tempo é pouco” (CORREIO DA MANHÃ, 16 de janeiro de 1951, p. 4). Primeiramente uma ofensa pessoal, ele é vagaroso; e o tempo é pouco, mas não de sua vida, pois o jornal diz que ele poderá comemorar o seu centenário, mas o seu governo que é restrito, não mais como antes, o que faz lembrar as suas promessas e a impossibilidade de cumpri-las: “a situação que criou acrescida do vôo desmesurado das palavras que pronunciou e dos bens que prometeu, despertando miragens nos corações simples” (IDEM).

Quanto à posse do presidente, é aguardada com a seguinte frase: “Vésperas da decepção”. No dia da posse, 31 de janeiro, o jornal escreve um artigo sobre o novo governo, relembra que novos governos são recebidos com expectativas e esperanças, mas este não as merece e finaliza: Esperamos... porém de pé atrás e mão na espada”.

No dia 1º de fevereiro, o Correio noticia a posse do presidente com a foto do juramento, esta foi escolhida pois recebeu um título irônico: “Como em 1934, o Sr. Getúlio Vargas prometeu solenemente manter e defender a Constituição”. As poucas fotos publicadas do presidente são acompanhadas de título e/ou texto como este, que sugere a mentira que estava sendo proferida no juramento, pois se em 34 Vargas fez o mesmo juramento e depois implantou o Estado Novo, o que assegura que ele não faça o mesmo agora.



**Imagem 1 – Juramento de posse, em 31 de janeiro de 1951. Arquivo Nacional.**

Ainda no dia 1º de fevereiro, foi publicada a seguinte fotografia, que mais tarde foi reutilizada pelo jornal para fazer outras críticas. Nesta data o jornal demonstra que Vargas não quer se aproximar tanto do povo quanto ele prega, pois está protegido pelo seu “anjo negro”, enquanto para o povo restam as patas do cavalo.



**Imagem 2 – Vargas em carro aberto no dia da posse. Arquivo Nacional.**

Relembrando os seus atos do passado, busquei no Correio da Manhã algumas datas nesse novo contexto, como seus discursos nos estádios de futebol. O primeiro foi em 18 de fevereiro, dia do início do torneio Rio-São Paulo, no Maracanã. No dia 20 de fevereiro, o Correio faz o seguinte comentário sobre os acontecimentos do domingo no Maracanã: “E em face dessa resistência popular ao encantamento e subjugação da macumba demagógica, pode-se concluir que o futebol salvou o povo dos eflúvios mistificadores do totalitarismo”.

O seu aniversário era outra data a ser comemorada na imprensa. No dia 19 de abril de 1951, em nota bem estreita, o jornal lembra o aniversário do presidente, comenta a alegria da família e amigos e deseja que o chefe prolongue essa data, que tem sido em todos esses anos em prol “dos benefícios de sua própria e almejada felicidade”.

O 1º de maio foi comemorado num estádio de futebol. O jornal credita ao presidente a comemoração do dia do trabalho, não que ele tenha designado o feriado, mas a festividade veio com Vargas, seguindo o exemplo de Hitler e Mussolini, comentário inevitável. No artigo da página 4 palavras que contundentes: “Em pleno sistema democrático, vamos ter hoje um espetáculo totalitário no discurso do Sr. Getúlio Vargas no campo do Vasco”. Sem render nenhuma fotografia, o dia do trabalho serviu para o Correio da Manhã somente para desmoralizar a imagem do presidente, ironicamente, assim relata a emoção de Vargas no discurso:

*Tanto os que ouviram o Sr. Getúlio Vargas pelo rádio, como muitos dos que comentaram o seu discurso, aludiram à furtiva lágrima que o presidente teria vertido ao falar em sua solidão de Itu, quando adulações da véspera o haviam abandonado. A bem da verdade histórica, queremos dizer que o presidente não se comoveu com as próprias palavras: engoliu inteira uma pastilha, presumivelmente de hortelã, que tinha na boca desde o início da oração. O resultante do engasgo embargou-lhe a voz, dando a impressão de emoção. Foram, assim, lágrimas de hortelã de pimenta.*

O jornal ao fazer comparações dos governos Vargas demonstra a periculosidade da sua presença no governo em qualquer que seja o regime, democrático ou ditatorial, pois o totalitarismo lhe é uma característica pessoal. Para falar da censura o Correio da Manhã aproveita as censuras aos scripts de algumas peças teatrais, que tiveram que mudar seus títulos para poderem ser exibidas e ilustra com esta fotografia da caricatura do presidente.



**Imagem 3 – Caricatura de Vargas. Arquivo Nacional.**

Esses foram os primeiros meses do mandato de Getúlio Vargas via Correio da Manhã. A análise do primeiro ano de governo feita por José Cândido Ferraz em carta para Getúlio Vargas, em 14 de abril de 1952, também não foi satisfatória:

*O ano de 1951 – cheio de restrições dos mais diversos matizes, inclusive pelos imperativos da política financeira que o governo teve que adotar – não foi, de modo algum, favorável ao fortalecimento dos deputados que apóiam o governo; enquanto por outro lado, as dificuldades indiscriminadas da vida propiciaram um ambiente melhor aos que dele divergiam. (CRUZ, 1983, p.18)*

E conclui que politicamente o seu péssimo foi péssimo. A atuação política de Vargas foi maquiavélica, pois os aliados já são aliados, buscaram-se então os inimigos, as alianças. O ambiente político estava instável e o econômico em crise, o Correio da Manhã estava atento a todos os detalhes, colaborando para a sua desmoralização e fazendo campanha contra o presidente.

### **Observando a crise do segundo governo Vargas via Correio da Manhã.**

Os acontecimentos somados à ferrenha oposição levaram ao declínio do governo Vargas. Os artigos da página 4 dedicavam-se às críticas ao governo, com títulos atraentes que aguçavam a curiosidade do leitor, redação simples que facilitava o entendimento e com palavras marcantes, carregadas de verdades (o presidente populista é uma farsa) e objetivos (desmascarar suas ações).

O ano de 1954 foi marcado por escândalos que envolviam o presidente. Em meados de 1953 temos o início da CPI do jornal Última Hora que apurava acusações de que este estaria recebendo benefícios do governo, concluindo em novembro que o Banco do Brasil fazia transações irregulares de crédito com as empresas jornalísticas em geral. Nada foi provado, favoritismo do governo, concorrência desleal ou devedor insolvente, que pudesse propiciar à oposição um motivo para o impeachment de Vargas.(CRUZ, 1983, p.232)

Em fevereiro de 1954 foi feito o Memorial dos Coronéis com a assinatura de 82 coronéis e tenentes-coronel, criticava principalmente o possível aumento de 100% do salário mínimo, onde um operário passaria a receber próximo aos vencimentos de um oficial graduado<sup>1</sup>. A tensão entre o governo e a oposição aumentou após o aumento de 100% do salário mínimo, o que rendeu para o Correio da Manhã uma página inteira de críticas, onde declara que “O Sr. Getúlio Vargas impingiu à nação um resumo de lei em estudo na Câmara”, e para ilustrar o texto, colocam o rosto sorridente do presidente com a seguinte legenda: Tudo serve em vésperas de eleições...

---

<sup>1</sup>

Em abril de 54 houve o polêmico Pacto ABC, onde Wilson Leite Passos apresentou à Câmara dos Deputados denúncia contra Vargas, que seria um traidor da Pátria, pois este pacto firmava acordo com Perón visando a formação de um bloco continental formado por Argentina, Brasil e Chile e de violação da lei orçamentária, devido o aumento do salário. Com 136 votos contra e 35 a favor ao impeachment, a proposta nem foi encaminhada ao Senado. (CRUZ, 1983, p. 247)

O maior dos escândalos foi o atentado da Toneleiros, o mês de agosto de 1954 foi marcado por duras acusações. O jornal passou a fazer campanha para a renúncia do presidente, este fez sua célebre declaração: Só sairei morto do Catete.

A oposição udenista estava personificada na figura de Lacerda. Como se já não bastasse as linhas ofensivas impressas diariamente em seu jornal, a Tribuna da Imprensa, Lacerda também passou a ser presença contínua na programação da Rádio Globo a partir de 53. Declaradamente inimigos, quando Lacerda sofre o chamado Atentado da Toneleiros, logo acusa o presidente. Esta acusação está registrada na 1ª página do seu jornal: “Mas, perante Deus, acuso um só homem como responsável por este crime. É o protetor dos ladrões. Esse homem é Getúlio Vargas”. (TRIBUNA DA IMPRENSA, 05/08/1954, p. 1)

Lacerda escrevia artigos para o Correio da Manhã e tal acontecimento aumentou as duras acusações contra Vargas, que para evidenciar o caráter agressor de Vargas reutilizou a fotografia produzida na ocasião da comemoração da sua posse. Nesse momento podemos observar o poder das imagens, que, intercaladas com palavras tão contundentes é capaz de criar ou modificar opiniões.



**Imagem 4 – idem imagem 2. Arquivo Nacional.**

Segurança presidencial reforçada é normal, principalmente em festejos populares, mas esta fotografia publicada em 01/02/1951 sugeria uma rejeição do presidente ao seu povo que acabara de colocá-lo no poder. O povo estava submetido às patas dos cavalos e à truculência de Gregório Fortunato, segundo o Correio. Em 15 de agosto de 54 esta fotografia



é novamente publicada, recordando a época em que foi produzida, com uma interpretação negativa e que justifica os acontecimentos recentes:

*Em janeiro de 1951, em meio ao entusiasmo popular, tomou posse de seu cargo o presidente da República o senhor Getúlio Vargas. Sorria, no automóvel, mas o povo, seu bem-amado da boca para fora; esse não podia nem ovaciona-lo livremente. Os que se arriscavam à pata dos cavalos iam esbarrar no chefe da guarda pessoal, o chefe da malta de assassinos, cáfiens e rufiões que transformaram o Palácio das Águias em pátio dos milagres. Desta fotografia que fizemos no dia da posse à fotografia do major Vaz assassinado existe apenas o tempo de um desenvolvimento tópico da brutalidade – disfarçada em 1951 e solta nas ruas de 1954. (CORREIO DA MANHÃ, 15/08/1954)*

Mais do que um registro, esta fotografia passou a ser para o Correio da Manhã uma prova criminal, capaz de evidenciar e tornar palpável uma idéia. A oposição do Correio foi materializada por uma mesma fotografia na entrada e saída de Vargas no seu segundo governo.

Este foi o estopim, o ruído que faltava para suceder a avalanche. Somadas as várias acusações e o título de assassino temos o fim trágico que imortalizou Getúlio Vargas e por isso considerado por muitos mais uma de suas estratégias políticas, qualquer ato contrário seria assinar sua morte na política e na memória do povo, assim como garantir a vitória da oposição que lutava não somente para acabar com Vargas, mas para destruir a raiz e os frutos do seu nacionalismo. Assim coloca Jorge Ferreira sobre o último ato de Vargas:

*Com o tiro no peito, Getúlio Vargas jogou com a sua própria imagem em longo prazo. A vingança foi meticulosamente planejada: se seus inimigos o queriam desmoralizado politicamente, ele foi muito além, jogando o seu próprio cadáver nos braços dos udenistas que, atônitos, não souberam o que fazer com ele. (BAUM, 2004, P. 187)*

## **Conclusão**

O Correio da Manhã sempre valorizou as imagens para caracterizar e legitimar seus textos, para isso a seleção da imagem é fundamental, é nessa escolha que reside o ideário do jornal, a idéia que se quer passar para o leitor. A partir da década de 60 o Correio da Manhã fez oposição aos governos militares e teve o desenvolvimento do seu fotojornalismo, trabalho inédito, com valorização dos profissionais da área e aperfeiçoamento dos meios de trabalho (OLIVEIRA, 1998, pp. 117-135).

As fotografias são de grande importância documental, além de resgatarmos o passado através das imagens, também analisamos o critério de escolha e exposição da fotografia no jornal, que a partir dela monta o cenário pertinente a sua ideologia, passando ao público uma visão de mundo distinta que influencia a opinião do leitor.

O Correio da Manhã soube, respeitando a sua ideologia, seus interesses e suas convicções, passar pelos governos de Getúlio Vargas expondo suas idéias, mesmo quando seu direito de expressão foi cerceado, mesmo assim soube expor a sua indignação perante o autoritarismo, lutando em dobro pelo que achava justo quando teve a liberdade para fazê-lo. Getúlio Vargas teve seu segundo governo marcado por críticas severas por parte da oposição, e nas linhas deste periódico temos um exemplar desta oposição que buscou nas imagens fontes comprobatórias de suas palavras escritas.

### **Bibliografia**

- BAUM, Ana (org.). **Vargas, agosto de 54: a história contada pelas ondas do rádio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- BRANDI, Paulo. **Vargas – da vida para a História**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1985.
- CARVALHO, José Murilo de. “*Brasileiro Cidadão?*” In: **Pontos e bordados. Escritos de história e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- CRUZ, Adelina Maria Novaes (org.). **Impasse na democracia Brasileira 1951-1954. Coletânea de Documentos**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1983.
- D’ ARAÚJO, Maria Celina Soares. **O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- GOMES, Ângela de Castro (org.). **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- LEAL, Carlos Eduardo. *Correio da Manhã*. In **DHBB**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- LEVINE, Robert. **Pai dos Pobres?** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2001.
- NICOLAU, Jairo. **História do voto no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- OLIVEIRA, Gil Vicente Vaz. **Fotojornalismo subversivo: 1968 revisto pelas lentes do Correio da Manhã**. Revista Acervo, Rio de Janeiro, volume 11, n.º ½, p. 117 – 135, jan./dez. 1998.